

## **A maternidade das mães adolescentes, processo de reconstrução identitária**

*Filomena Gerardo<sup>1</sup>*

Esta comunicação advém do trabalho de tese de Doutoramento em Sociologia, ainda em curso, sobre “*Ser-se mãe na adolescência*” investigação comparativa entre a situação das mães adolescentes em Portugal e das mães adolescentes no contexto francês. Este estudo inclui depoimentos de jovens mães, que residem em Portugal e em França em contextos tão diferentes como instituições de acolhimento, sozinhas com a criança, com o pai da criança, ou em casa da família.

Numa perspectiva individualista, o indivíduo vive em busca da construção do eu. No entanto, esse percurso de construção do “eu” não é linear e existem momentos de crise identitária, como é o caso da adolescência. A construção identitária segundo François de Singly tem duas dimensões: a estatutária e a íntima. A identidade estatutária deve-se ao papel social que cada um tem na sociedade e a identidade íntima é a revelação das nossas qualidades mais intrínsecas.

Nesta conquista do “eu”, o indivíduo deve realizar um compromisso entre a identidade estatutária, isto é, a identidade que se constrói em função da posição social, dos papéis desempenhados, dos lugares e das pertenças sociais. Quanto à identidade íntima esta define-se “como a verdadeira maneira de ser do indivíduo, trata-se daquilo que o indivíduo pensa ser a sua autenticidade”<sup>2</sup> (Singly: 2000)

A maternidade precoce aparece mais frequentemente em contextos sociais e familiares designados como de “risco”: Infância perturbada, família instável ou destruída. Outros factores sociais intervêm tais como: Meios sociais desfavorecidos, categoria socioprofissional baixa dos pais, dimensão do agregado familiar e condições habitabilidade. Nalguns casos podem existir situações de promiscuidade, incesto e insucesso escolar.

A linha de orientação da nossa investigação é de que a maternidade pode trazer em certos casos uma definição do “eu”, ou seja, pode em alguns casos trazer uma mais-valia em termos da identidade estatutária, o papel de mãe. Este papel social pode vir compensar uma identidade íntima deficitária, num período da vida onde a jovem se encontra numa situação de indefinição social.

A presente comunicação retrata a interiorização do novo estatuto social adquirido pelas adolescentes mães, isto é, a nova identidade de “ser mãe”. No processo de construção do “eu” uma primeira fase é a consciencialização do novo estatuto social que pode ser feito através das práticas quotidianas, mudança de ritmos de vida em função da criança. Numa segunda fase é a relação com os outros e o lugar que ocupam em função do local onde residem e com quem vivem que lhes permite definirem-se socialmente.

### **1. Consciencialização do papel de mãe e da responsabilidade parental**

No processo de construção identitária das mães adolescentes, várias dimensões entram em linha de conta para a fabricação e/ou adaptação a uma nova identidade ao adquirir um estatuto socialmente valorizante : “O de ser mãe”.

O estatuto de mãe tem implicações na vida quotidiana em termos práticos como o explica a Isbela: “*é eu estar ali apressada para ela não chorar, a preparar o biberão rápido e ter que lhe dar banho e ter que a vestir e ter que tirar a fralda, é que eu vi, ah fogo realmente, fogo tenho que fazer isto sempre, então ela é minha filha, apesar de eu não querer tenho que acordar de três em três horas quando comecei a habituar-me é que eu vi que eu era mãe e que*

<sup>1</sup> CERLIS Centre de Recherche sur les Liens Sociaux -Paris V Sorbonne.

<sup>2</sup> Singly de F. (2001) *Le soi, le couple et la famille*, L’harmattan, Paris.

*não podia fazer mais nada e que ela era minha filha e quem tinha que cuidar dela era eu.*” (Isbela, 19 anos mãe de uma criança de 3 anos, angolana) Esta repetição de gestos permitem-lhe tomar consciência do seu novo papel enquanto «mãe de...». A consciencialização do papel de mãe passa também por situações como explica a Anne «*é duro, o pior é quando começam a nascer os dentes. Tens a criança ao teu lado a chorar, “o que é que tu tens? Vá eu vou te trocar a fralda, à ahhh mas doem-te os dentes. Eu digo doem-lhe os dentes e eu não posso fazer nada*».<sup>3</sup> (Anne 18 anos, mãe de duas crianças de 14 meses e de 1 mês, francesa) No quotidiano da prática da maternidade está a função de compreender e de solucionar as pequenas questões relacionadas com o bem-estar da criança. A dificuldade segundo esta jovem mãe, em compreender, e interpretar o choro do seu filho, para poder prestar os cuidados necessários. Pois, a rotina das práticas de cuidados prestados vão-se alterando, com o crescimento da criança e as exigências são outras à medida que a criança vai crescendo.

A primeira comunicação entre mãe/filho passa pelo choro da criança e quando a mãe não conhece a resposta aos cuidados à prestar ao seu filho esta sente-se impotente. Aqui outra dimensão da maternidade é que a mãe não pode ter sempre a solução para o bem-estar do seu filho, e que o papel de mãe tem dificuldades que nem sempre a jovem imaginava.

Para além, desta dimensão das práticas de cuidados à criança, um dos conceitos que é mais identificado pelas jovens é a “responsabilidade”. A responsabilidade surge como um marco que introduz de alguma forma comportamentos de adulto, daí ser um meio de transição para a idade adulta. A responsabilidade é associada de forma automática ao papel de mãe.

A responsabilidade vem com a maternidade. Como afirma Tatiana : «*Eu mexia muitas coisas, muitas coisas eu brigava com as minhas amigas, com ela me fez uma coisa eu fiquei com raiva, eu brigava, mas agora não.(...) Pimba (riso) agora eu acho que cresci um pouco, agora tenho um filho tenho que sentir mais responsável, porque ainda sou menor, tenho que sentir responsável, cuidar do meu filho, cuidar da minha vida.*” (Tatiana 15 anos, mãe de um bebé de 3 meses, guineense). Na nova dimensão da identidade da adolescente a responsabilidade é um novo atributo que é trazido ao mesmo tempo que o filho e o estatuto de mãe. Embora, continuando a ser adolescente, ela tem, segundo ela a responsabilidade de ser mãe, por isso, não faz mais coisas de adolescente como fazia antes de ser mãe. A jovem mãe ajusta as suas duas dimensões sociais, a de ser jovem e a mãe. Ela coloca a prioridade no seu papel de mãe por isso desiste dos antigos padrões de comportamentos de adolescente para adquirir comportamentos de mãe.

Segundo esta linha de orientação as jovens mães a noção de responsabilidade tem duas dimensões, como afirma Caroline «*Há jovens que não têm nenhuma responsabilidade e também há jovens que têm responsabilidades, como eu, eu sinto-me responsável do meu acto, eu sinto-me responsável de ter tido um filho cedo, eu sinto-me responsável de ser jovem também. Vamos dizer entre aspas de ter terminado a minha juventude, é por isso...*».<sup>4</sup> (Caroline 19 anos mãe de uma criança de 14 meses, francesa) A primeira dimensão de responsabilidade é trazida pelo facto de se ter uma criança e depois tem que se assumir a responsabilidade de se ser jovem e ser capaz de cumprir com o de papel de ser mãe.

A segunda dimensão é que a responsabilidade associada ao mundo dos adultos permite por fim a um período em que pode ser difícil para algumas jovens viver e em que a responsabilidade permite-lhes existir e passar para o mundo dos adultos através dessa mesma aquisição da responsabilização de ser mãe. A maternidade neste contexto vem por fim a um momento da vida da jovem, conduzindo para uma das dimensões da vida adulta, o exercício da parentalidade.

Na vivência da maternidade a responsabilidade em termos práticos traduz-se pelos actos, acções e atitudes perante os outros. E no caso específico de se ser mãe é no bom exercício da maternidade. A Rosa diz: “*Em primeiro lugar é ter muita responsabilidade, porque enquanto se está grávida não é nada, o mais importante é criar, e dar de comer. Porque aí é que custa mesmo, porque se tem que trabalhar. Porque enquanto se está grávida para onde é que vais*

---

<sup>3</sup> Citação original em francês

<sup>4</sup> Citação original em francês

*levas, está na tua barriga,avas, não tá doente, não sente fome, não tem nada de mais. Mas o mais importante é criar e dar de comer.*” (Rosa 21 anos, mãe de duas crianças de 3 anos e 12 meses, caboverdiana) É quando a criança passa a ser um indivíduo com uma presença corporal, isto é, passa do imaginário da jovem para a sua presença física que a mãe começa a ter noção das implicações do papel e da função de mãe. Esta responsabilidade traduz-se pelas actividades e pelas obrigações específicas em termos da prestação de cuidados à criança.

## 2. O exercício da autoridade parental

As dificuldades do exercício de se ser mãe começam segundo as jovens mães no momento em que a criança exige uma certa autoridade parental. As dificuldades da função de mãe surgem quando as crianças adquirem uma certa autonomia e deixam de precisar exclusivamente dos cuidados básicos como comer, dormir e de uma certa higiene de vida. Anne afirma: *«O pior é que ele começa a falar e é enervante. Agora tudo o que lhe apetece dizer ele diz. Ele põe-se em pé e põe-se ao pé do telefone e marca os números. Uma vez calhou com uma avozinha. Eu disse-lhe: “ tu tocaste no telefone?” E ele disse não. Pára de brincar. Estás a fazer troça de mim? Sim. E eu dei-lhe um estalo.»*<sup>5</sup> (Anne 18 anos, mãe de duas crianças de 14 meses e 1 mês, francesa). A autonomia da criança provoca nesta mãe uma reacção de dificuldade na relação com o filho que agora testa a mãe. A criança quando chega ao estágio de falar e de movimentar-se não se limita a precisar de cuidados básicos.

Nesta fase o exercício de maternidade é acrescido pela função do exercício da autoridade parental, pois a criança tenta medir forças com a mãe. A criança vem mostrar outra função do exercício da parentalidade o de saber educar a criança entre o que se pode ou não fazer. Em certas situações o recurso à “violência física” é um meio utilizado para castigar e ensinar a criança.

Anne afirma: *«Com o J. (filho) quando ele era pequeno tinha várias dificuldades é que quando ele chorava eu dava-lhe estaladões. Mas há dar estaladas e estaladas, eu não o atirava contra o muro. Mas eu estava farta que ele fizesse os seus caprichos, eu pegava nele e dizia já chega. E ele chorava. E ele compreendeu que era preciso acalmar-se, agora quando eu lhe digo a mamã vai se levantar, eu levanto-me e ele anda de gatas e vai até o quarto».* (Anne 18 anos, mãe de duas crianças de 14 meses e 1 mês, francesa) As dificuldades aparecem quando a criança começa a querer a sua autonomia<sup>6</sup>, isto é, começa a fazer exigências de outra ordem que aquelas de comer e dormir. A criança aqui aparece como uma pessoa individualizada que não cumpre exclusivamente com o que a mãe quer, mas demonstra outras necessidades.

É a confrontação da jovem mãe com as demonstrações de outras exigências que faz com que tenha dificuldade em lidar com a situação de outra forma que de mostrar à criança pela força o seu poder maternal.

No exercício da parentalidade não é a prestação de cuidados básicos que coloca questão às jovens, mas o impor a autoridade de mãe à criança, como o explica Caroline : *« Não há nada que me desagrada, no facto de me ocupar dela, gosto disso, a não ser o facto de ralhar, mas às vezes ela merece e eu não tenho escolha (riso) ».* (Caroline 19 anos mãe de uma criança de 14 meses, francesa) O tomar conta de uma criança é agradável enquanto a mãe não tem que usar das suas competências de educadora. Quando se trata dos cuidados primários qualquer adulto pode fazê-lo a dificuldade da aprendizagem do papel de mãe está no saber transmitir o que está certo ou errado.

Há uma necessidade por parte da jovem mãe em justificar-se em relação ao facto de ter ralhado como instrumento para educar a sua filha. Caroline diz : *«É assim é uma maneira de educar. Quando ela toca nos CDs do pai dela, tenho horror disso, quando eu lhe digo para não mexer e que ela mexe mesmo, se é ainda uma criança, é bebé e mexe em tudo, mas quando lhe digo para não mexer, eu dou-lhe uma palmada na mão. Eu não gosto de fazer isso, mas para*

<sup>5</sup> Citação original em francês

<sup>6</sup>Ramos, E. 2002 “ *Rester enfant, devenir adulte*” L’harmattan. Baseamo-nos na definição de que autonomia é a possibilidade do indivíduo de ditar as suas próprias regras de vida.

*mim é uma forma de educação»*<sup>7</sup>. (Caroline 19 anos mãe de uma criança de 14 meses) O castigo físico é o meio mais utilizado pela jovem mãe para ensinar à sua filha o que pode ou não fazer. Nesta dimensão do educar está o ensinar os limites até onde a criança pode ou não chegar, e aparece como a maior questão do exercício da parentalidade

Na aprendizagem do exercício da maternidade não é a prestação de cuidados básicos, alimentar, dar o banho, vestir, cuidar da criança que surge como um problema, é quando a criança começa a ter outras exigências e é necessário mostrar a autoridade parental e de educar a criança.

### 3. O contexto residencial e familiar, elementos pertinentes na construção do eu

A construção de si é um processo que varia em função do contexto habitacional e familiar, no qual se encontra o actor social. No caso das mães adolescentes, ou elas vivem sozinhas com a criança em casa dos pais, ou elas constituíram família com o pai da criança, ou então, elas vivem com a criança numa instituição, porque a família não tinha condições: ou então ou não quis que a jovem permanecesse no seio familiar, ou por opção da jovem mãe que optou por um centro de acolhimento, como é frequentemente o caso no contexto francês.

No contexto, de uma vida de casal a maternidade e aprendizagem do seu papel de mãe é feito em acumulação com o papel de esposa, o que é encarado como positivo pela jovem mãe e pelos próximos. Aqui a criança permitiu atingir a conjugalidade. Em termos de papéis desempenhados neste contexto residencial a jovem é “*mãe de*” e “*mulher de*”. O que é visto pela sociedade como duas funções que estão interligadas, por isso bem aceites socialmente. A aceitação e reconhecimento social permite que os novos estatutos adquiridos se tornem valorizantes para a jovem. A Caroline é jovem mãe e vive com o pai da sua filha e explica o seu ritmo quotidiano:

*«Portanto, então de manhã eu levanto-me às 6h30 ao mesmo tempo de C. (companheiro e pai da sua filha) porque eu preparo-lhe o pequeno-almoço, depois espero que ele saia, preparo-lhe o saco e faço-o lembrar-se daquilo que ele se está a esquecer »*<sup>8</sup> (Caroline 19 anos mãe de uma criança de 14 meses, francesa). Aqui a jovem mãe coloca-se numa posição de *mulher de* e enumera toda a sua função enquanto esposa de. Para além disso, os cuidados que ela presta ao seu companheiro são idênticos aos de uma mãe, desse modo, o cuidar do seu marido como mãe marca o seu próprio papel de mãe em relação a ele. Ela tem para com o pai da sua filha os mesmos gestos maternos, no entanto, trata-se de momentos de conjugalidade, dado que a criança não está presente fisicamente naquele momento.

Num segundo momento alterna o seu papel de *mulher de*, e o seu papel de *mãe de* é posto em destaque: *«Depois, chegam as 7h portanto, das 7h às 9 h, volto-me a deitar com A.(filha dela), depois levanto-me às 9h, eu preparo-lhe o biberão, e vemos a televisão juntas. Tomamos o pequeno-almoço até maior ou menos às 10h, tenho um momento de descanso. Depois aspiro, ponho a do banho, depois tiro-a do banho, ou visto-a, ou volto a deitá-la. Ou então fica comigo na cozinha e preparamos juntas a comida para o almoço. E eu preparo a comida com ela ao meio-dia, sirvo-lhe de comer, ou vamos passear ou ficamos em casa para eu enviar currículos, ou então descansamos.»*<sup>9</sup>. (Caroline 19 anos mãe de uma criança de 14 meses, francesa) No momento em que a jovem fica a sós com a criança ela acumula a função de *mãe de*, tendo também a responsabilidade de cuidar de todos os trabalhos domésticos. Aqui a sua aprendizagem do papel de mãe é acompanhado pela função de dona de casa.

Situação que nem sempre se verifica noutros contextos residenciais. É interessante verificar que neste caso a organização doméstica se faz em função da presença da criança, primeiro estão os cuidados que se prestam à criança e depois estão as tarefas domésticas. A presença da criança é constante. Esta jovem mãe ilustra a alternância constante dos papéis

<sup>7</sup> Citação original em francês

<sup>8</sup> Citação original em francês

<sup>9</sup> Citação original em francês

desempenhados onde a prioridade está no seu papel de mãe. Aqui a identidade íntima e estatutária de mãe é o elemento fundamental do quotidiano desta jovem.

O momento familiar realiza-se quando o pai da criança regressa a casa como afirma Caroline: «*Depois , por volta das 16h30-17h, o papa dela volta para casa e depois eu faço o jantar e depois ficamos juntos em frente da televisão. Vemos as notícias e depois vamo-nos deitar.*» (Caroline 19 anos mãe de uma criança de 14 meses, francesa) A função parental é sempre predominante no discurso e na postura desta jovem mãe. Quando ela fala do seu companheiro ela diz “o papá dela” e não o meu marido ou companheiro primeiro está a função parental de cada um. Aqui podemos constatar que na hierarquização da sua construção identitária é acentuado em primeiro lugar o seu papel de mãe, quer do ponto de vista da identidade íntima através dos seus gestos, quer também pela identidade estatutária através da sua postura e atitudes face ao resto da família.

As mães adolescentes, que vivem sozinhas com a criança em casa dos pais, estão também numa alternância constante entre o ser “*filha de*” e “*mãe de*”, no mesmo espaço residencial. A dimensão intergeracional surge principalmente nos contextos em que as jovens partilham o mesmo espaço residencial com membros da família. Na situação em que as adolescentes vivem em casa dos pais, existem situações em que pelo facto da mãe da criança ser adolescente, a avó da criança toma o lugar da filha e exerce a parentalidade sobre o neto e sobre a sua filha mãe adolescente, criando conflitos e pondo em causa a autonomia que procura a adolescente em relação ao seu próprio filho.

No caso da institucionalização das jovens várias situações se apresentam. A Sandra que vive numa instituição de acolhimento explica: «*Eu quando vou de fim-de-semana à casa da minha mãe, eu deixo de ser mãe porque a minha mãe trata da minha filha, não me preocupo com nada só comigo, sinto-me uma princesa*»<sup>10</sup> (Sandra, 19 anos um bebé de 3 meses, guineense) Esta jovem mãe vive numa instituição de acolhimento, mas vai passar o fim-de-semana a casa dos pais. A situação é que ela volta à condição de adolescente e de *filha de*, durante um fim-de-semana, enquanto a avó, sua mãe toma a seu cargo o exercício da parentalidade. A jovem mãe volta a ser adolescente e a preocupar-se consigo mesmo, passa de novo a ter momentos em que o seu “eu”, é posto em destaque em vez de ser o seu papel de mãe. Aqui o que é notório, é que ela mantém a identidade estatutária de mãe, mas deixa de ter a identidade íntima de mãe, dado que, esta só se verifica com o exercício efectivo da maternidade, ou seja, com a prestação de cuidados diários à criança.

Em certos casos a institucionalização é um pedido feito pelas jovens para se tornarem independentes e autónomas. A Lena explica: «*Eu podia ter ficado em casa dos meus pais a viver com o meu filho, mas eu não quis. Se tivesse ficado em casa dos meus pais teria sido uma mãe adolescente*”.(...)«*Porque a minha mãe lavar-me-ia a minha roupa, a do meu filho, cuidaria dele, lavava os biberões, fazia tudo. Aqui, não sou tratada como mãe adolescente. Sou eu que cuido do meu filho que lavo a roupa dele, que lhe dou o biberão, e pago as minhas contas.*»<sup>11</sup> (Lena 18 anos mãe de um bebé de 3 meses, francesa de origem africana) Esta jovem mãe explica duas dimensões da maternidade a primeira é que a separação física dos pais permite uma maior autonomia em relação a ela mesma, mas também uma autonomia educacional em relação ao seu próprio filho.

Outro aspecto pertinente que ela levanta é que o facto de se continuar em casa dos pais o papel de *filha de* é mais preponderante, por isso a dimensão da adolescência é mais visível. No entanto, quando se sai fora de casa dos pais e se adquire uma autonomia residencial e alguma autonomia financeira, como é o caso desta jovem mãe, é se vivido como sendo uma adulta, porque têm-se alguns dos atributos<sup>12</sup> da idade adulta. Aqui o que predomina no discurso da

---

<sup>10</sup> Citação original em francês

<sup>11</sup> Citação original em francês

<sup>12</sup> Galland, O. Segundo este autor da Sociologia da Juventude os cinco atributos para a entrada na vida adulta são: ter terminado os estudos, estar inserido na vida profissional, ter a sua independência residencial, ser casado e ter filhos.

jovem mãe é a sua vontade em assumir o seu papel de mãe e os atributos positivos que o seu novo estatuto de mãe lhe permitira.

A questão que se coloca aqui: É a dimensão da autonomia e independência<sup>13</sup> das jovens face aos pais. Coloca-se de duas maneiras. Num primeiro momento é o de poder ditar as suas próprias regras de vida para si mesma e para o seu filho, dado que, se é “mãe de”, papel que implica uma “autonomia educacional”. Num segundo momento, a dependência financeira em relação aos outros pode constituir um problema em termos de autonomia. Podemos pensar que as dificuldades financeiras da mãe adolescente é um entrave à sua autonomização enquanto indivíduo e “mãe de” quando vive em casa dos pais.

Noutra caso em que a mãe adolescente reside num lar de acolhimento, o apoio institucional e a relação estabelecida com as jovens leva-nos a pensar que a adolescente mãe é em primeiro lugar vista como *adolescente* e depois como “mãe de”. Isbela explica a vida no lar: “Tive que sair de casa para vir para esta instituição, tive que voltar a estudar porque se eu ia continuar sem estudar, sem futuro, sem um emprego, não ia conseguir nada (...)Eu vim para aqui no máximo 4 meses até ela ficar assim grandinha, até eu poder cuidar dela. Porque a minha intenção não era vir para aqui e ficar aqui, anos, ou 1 ou 2 anos, a minha intenção era mesmo a de ir embora. Mas como eu vi que isto não era tão bom, mas não era assim tão mau. Tou a conseguir estudar ela já está grandinha e tenho as minhas coisinhas.” (Isbela, 19 anos, mãe de uma criança de 3 anos, angolana) Aqui a instituição permite que a jovem volte para a escola. As condições permitem às jovens continuar a contactar com o grupo de pares pelo facto de continuarem a frequentar a escola ou um curso profissional, guardando assim a dimensão adolescente na sua identidade e estudantes.

Nos outros contextos familiares e residenciais a possibilidade continuar a frequentar a escola é muito escassa quando a jovem fica em casa dos pais ou casa. Pois, destas duas últimas situações a jovem tem que ficar a tomar conta da criança.

Na construção do “eu” pode existir uma hierarquização das diferentes identidades segundo a dimensão identitária que a pessoa quer por em destaque, mas também depende muito do contexto onde se reside e com quem se vive. Assim, a dimensão da identidade familiar “filha de” aparece de forma mais notória na situação em que a jovem mãe vive com os pais, do que no contexto de lar de acolhimento. A hierarquização das identidades participa na definição do indivíduo, ou seja, “mãe de” “filha de” e “adolescente”.

## Bibliografia

- Anonymous (2002) “Teenage Pregnancy: A global view adolescence in *Roslyn Heights*, Spring 2002.
- Anonymous, (1994) “Evaluation of consensus health status indicator for asse” in *Public Health Reports*, Hyattsville, Jul 1994.
- ALMEIDA, A. Nunes de, (1986) “ Entre o dizer e o fazer: a construção da identidade feminina”, in *Análise Social*, Lisboa, Ano 22, 1986, p.493-520.
- BERGER, P. (1988) «Le mariage et la construction de la réalité» in *Dialogue*, Recherche Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille, n°120- 4 trimestre, 1988.
- BERGER, P. et LUCKMANN, T., (1996) «*La Construction sociale de la réalité*» Paris, Armand Colin, 1996.
- BLINN-PIKE, L., STENBERG, L. AND THOMSON, C. (1994) “Intraindividual variation among pregnant adolescents: A plot study and conceptual discussion” in *Adolescence Roslyn Heights*, spring 1994.

---

<sup>13</sup> Ramos, E. 2002 “ *Rester enfant, devenir adulte*” L’harmattan. Baseamo-nos na definição de que autonomia é a possibilidade do indivíduo de ditar as suas próprias regras de vida e independência é a situação em que se encontra o indivíduo quando tem recursos financeiros para ser auto-suficiente.

- BOZON, M. (1992) «L'entrée dans la sexualité adulte: Le premier rapport et ses suites – du calendrier aux attitudes in *Sexualité et Sciences Sociales* coordonné par, Michel Bozon. & Henri Leridon, INED 1992.
- COOURTEILLE, M. (2001) «Changer de corps et être soi à l'adolescence» in *revue Dialogue-Recherche cliniques et sociologiques sur le couple et la famille* - n°153, 3 trimestre, 2001.
- DAGUERRE, A. et NATIVEL C. (2004) «Les maternités précoces dans les pays développés– Problèmes, dispositifs, enjeux politiques» in Dossier d'études, n° 53, février 2004, Allocations familiales CERVL- Institut d'études Politiques de Bordeaux.
- DESCHAMPS, J.P (1987) «Mères adolescentes, parents adolescents» in *Parents au singulier : Monoparentalités : Échec ou Défi ?*, série autrement, Série Mutations, n°134, Janvier 1987, p.190-203.
- DUBAR, C (1991) «*La socialisation construction des identités sociales et professionnelles*» Paris, Armand Colin, 1991.
- Estudo de Investigação, (1998) “A situação das mães adolescentes no sul da União Europeia Portugal, Espanha, Itália e Grécia”, Fundação da Juventude, 1998.
- FIRMINO, COSTA da, A. (1995) “Modes de vie et action collective” in *Espace et Société* – n°79, p.107.
- FIRMINO, COSTA da, A. (1999) “*Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*”, Oeiras, Celta editora.
- GALLAND, O. (1991) «*Sociologie de la jeunesse - L'entrée dans la vie*», Paris, Armand Colin, 1991.
- GALLAND, O. (2001) «Adolescence, post-adolescence, jeunesse: Retour sur quelques interprétations, in *Revue Française de Sociologie*, Oct-Déc. 2001.
- GARCIA, José Luís (coord.) 2000, “Estranhos - Juventude e Dinâmicas de Exclusão Social em Lisboa”, Celta, Oeiras
- GASPAR, A. Micaela, (1998) “Quando a cegonha bate à porta abordagem sociológica ao fenómeno da maternidade na adolescência” Tese de licenciatura, dirigida por Prof. Machado Pais, ISCTE, ICS Lisboa.
- GONÇALVES, A. (1995) “Construção social de identidades juvenis em contexto de exclusão social”, Tese de Mestrado, ISCTE, 1995
- JOAQUIM, T., (1997) “*Menina e moça: A construção social da feminilidade*”, ed. Fim de século margens, Lisboa.
- KELLERHALS, J. et al (1991), " Cohésion familiale, styles éducatifs et estime de soi: Aspects du processus de socialisation des adolescents" in *Familles et Contextes Sociaux\_ les espaces et les temps de la diversité*, Lisboa, CIES, pp233-245.
- KNIBIEHLER, Y. (2002) «Histoire des mères et de la maternité en occident» in collection « Que sais-je ? » PUF, Paris.
- KIVISTO, P. (2001) “Teenagers, pregnancy, and childbearing in a risk society” in *Journal of Family Issues*, Nov. 2001, Beverly Hills.
- LAHEURTE, P. (1999) «Les maternités socialement précoces: Un foyer de jeunes filles à l'épreuve de ses objectifs», in *Bastidiana «Sexualité et Société»* n°27-28 juillet-décembre 1999.
- LEAL, I., (1997) “Transformações socioculturais da gravidez e da maternidade correspondente a transformação psicológica” in *Acta 5, 2º Congresso Nacional da Psicologia da Saúde*, Braga (27 Fev. 1 Março).

- LEAL, I, (2000) “Gravidez e maternidade, Sexualidade e planeamento familiar”, in *Associação de planeamento para a família*, nº 27/28 (Julho/dez.) p23-26.
- LEFAUCHEUR, N. (1992) "Les familles dites monoparentales", in Singly de F., *La famille, l'état des savoirs*, Éditions la découverte/textes à l'appui série sociologie.
- LE MANER-IDRISSI, G. (1997) «*L'identité Sexuée*» Les Topos, Dunond, Paris 1997.
- LE VAN, C. (1998) «Les grossesses à l'adolescence: Une pluralité d'explications» in *Vie sociale* nº6, cedias, 1998.
- LE VAN, C, (1998) «*Les Grossesse à l'adolescence normes sociales, réalités vécues*» L'Harmattan, 1998.
- LEWIS, J. and KNIJN, T. “The politics of sex education policy in England and Wales and the Netherlands since the 1980s in *Journal of Social Policy* , oct 2002, Cambrigde.
- MATON, K., TETI, D. AND VIEIRA-BAKER, C. (1996) “Cultural specificity of support sources, correlates and contexts: three studies of African-American and Caucasian youth”, in *American journal of Community Psychology*, Aug 1996, New York.
- MILLER, B. (2000), “Family influences on adolescent sexual and contraceptive behaviour” in *The Journal of sex Research*, New York.
- MONAHAN, D., (2002)“Teen pregnancy prevention outcomes: Implications for social work practice Families in Society” New York Jul/ Aug 2002.
- OHSFELDT, R. AND GOHMANN, S. (1994) “ Do parental involvement laws reduce adolescent abortions rates?” in *Contemporary Economic Policy*, Huntington Beach, Apr. 1994.
- PAIS, J. Machado (1991), *Formas Sociais de Transição para a Vida Adulta – os jovens através dos seus quotidianos*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, ISCTE, Lisboa
- PAIS, J. Machado “A construção sociológica da juventude: alguns contributos” in *Análise Social*, XXV, nº105-106, ICS, Lisboa 1990.
- PAIS, J. Machado, (1991) «*Culturas Juvenis*» Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PAIS, J. Machado (2000) «*Traços e Riscos*» Lisboa, ICS.
- SINGLY de F., (2000) «*Le soi, le couple et la famille*» Paris, Collection Essais et Recherches, Nathan, 2000.
- SINGLY de F., (2000) “La conquête d'un “chez soi” dans l'espace conjugal” in *Libres ensembles, L'individualisme dans la vie commune*, Nathan, 2000.
- SINGLY de F., & RAMOS E. (2000) “La défense d'un «petit monde» pour un jeune adulte vivant chez ses parents” in *Libres ensembles, L'individualisme dans la vie commune*, Nathan, 2000.
- SINGLY de F., (2000) “Penser autrement la jeunesse”, in *Lien Social et Politique\_ RIAC.*,43, Printemps 2000.
- SINGLY de F.,(1993) “*Sociologie de la Famille Contemporaine*”, Nathan Université, Paris.
- SOUSA, Ribeiro, (2002) “*Entre o Ser e o Estar. Raízes, Percursos e discursos da Identidade*”, Porto, Edições Afrontamento.
- TORRES, A, ALMEIDA, de , NUNES A., LALANDA, P., (et al) (2001) “Novos padrões e outros cenários para a fecundidade em Portugal” in *Análise Social* nº163, vol xxxvi, Lisboa.
- TORRES, A , (1999 ) “*A individualização no feminino, o casamento e o amor*” in org. Clarice Peixoto, François de Singly, Vincenzo Cicchelli.
- TORRES, A., (2002) “*Casamento em Portugal: uma análise sociológica*”, Oeiras: Celta Editora.



- VASCONCELOS, P. (2000) «Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses» in *Jovens Portugueses de Hoje*, sob dir. Vilaverde Cabral et Machado Pais, Lisboa, Secretaria de Estado da Juventude, 2000.
- VILAR, D. (1999) “*Falar disso... contributos para compreender a comunicação sobre sexualidade entre progenitores e adolescentes*”, Tese de doutoramento em Sociologia, sob orientação, José Manuel Paquete de Oliveira e Félix Lopez Sanches, ISCTE.
- WALL, K., (2001) “Famílias monoparentais em Portugal” in *Análise Social*, nº150 (out-Dez).
- WALL, K., SÃO JOSÉ, J. & CORREIA, S. (2002) “Mães só e cuidados às crianças” in *Análise Social*, nº 163, Verão 2002, ICS.